

“Alguém no futuro irá descobrir a cura para o Alzheimer”

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem o EpiFloripa, projeto com viés similar a Oficina da Lembrança, mas somente para a coleta de dados. Com a gestão da professora Eleonora d'Orsi, pesquisadores visitaram a casa de 1.705 idosos com 60 anos ou mais, moradores da Grande Florianópolis. Os dados resgatados iluminaram teses de mestrado e doutorado sobre o assunto, aumentando a abordagem de pesquisa relacionada a terceira idade com quesitos como o valor da atividade física no lazer, a percepção do ambiente e a análise dos medicamentos prescritos.

O médico e pesquisador Martin Orrell é especialista em demência e referência internacional na área.

Diário Catarinense – Como as pesquisas brasileiras contribuem para os seus estudos?

Martin Orrell – Eu me sinto muito sortudo pelo jeito como as coisas estão acontecendo por aqui. Estão encorajando pessoas idosas a usar o computador e terem o cérebro estimulado, isso é muito saudável porque eles aprendem novas técnicas e treinam outras pessoas como usar o computador. Lá na Inglaterra usamos jogos, mas não no computador, o que é um diferencial por aqui. Assim, eles aprendem o que podem fazer e entendem a essência da realização, podem aprender e ensinar coisas e ainda fazer amigos. É muito saudável. Nossos estudos mostram que pessoas que usam computadores têm melhor memória que as pessoas que não

usam computadores. E isso faz diferença para a memória cognitiva. As pessoas ficam empolgadas, comem mais, tem mais qualidade de vida. E nós notamos como a memória muda com o tempo.

DC – Qual é o maior segredo não descoberto sobre o cérebro?

Orrell – As pessoas querem entender a causa do Alzheimer. Nós continuamos sem entender como as coisas começam a dar errado e como o Alzheimer tem um efeito dominó e as coisas pioram gradativamente. Tenho certeza que alguém no futuro irá descobrir a cura. Milhões de dólares são investidos para conseguirmos saber mais sobre essa doença.

DC – Quais resultados você espera de sua pesquisa?

Orrell – Desejo mais independência para pessoas com problemas de memória. Mais qualidade de vida, mais atividade e diversão. E mais turnos em casa do que no hospital, com possibilidade de

vida sem a ajuda completa de outras pessoas. Reduzir o estigma que persegue as pessoas com mais idade. Vamos recuperar algumas habilidades para melhorar as relações em comunidade. É uma maneira de trazer mais confiança e incentivo para fazer as coisas no cotidiano.

DC – Mudando um pouco de assunto. Aqui no Brasil está acontecendo uma polêmica com relação ao uso de animais em pesquisas científicas. Vocês precisaram deles para suas pesquisas?

Orrell – Eu não uso qualquer animal em minhas pesquisas. Eu acho que existe um espaço para isso nas pesquisas científicas, mas os animais precisam ser tratados conscientemente. Por exemplo, tem trabalho que utiliza os ratos para entender o nascimento da perda de memória. Consigo ver a necessidade em outras áreas, mesmo em estudos sobre o cérebro, mas é preciso regulamentar com a ajuda de quem entende do assunto.



CHARLES GUERREIRO

Não esqueça

Tratamento devolve autonomia a idosos com perda de memória em Santa Catarina

CAROLINA DANTAS

O ser humano conquista a independência com a idade adulta e, por ineficiência cerebral e motora, a perde na maioria das vezes quando idoso. Dois lugares no Brasil – Palhoça e Tubarão – trabalham em um programa que devolve parte da autonomia às pessoas da terceira idade através de uma pesquisa referência em tratamento contra a demência – o termo não é pejorativo para a Medicina e se refere ao prejuízo crônico, global e irreversível da função cerebral. Os idealizadores do projeto não estão atrás da cura do Alzheimer, mas de qualidade de vida a quem não consegue lembrar o caminho do dia a dia. E conseguiram.

Martin Orrell, doutor e professor da University College London (UCL), atua em 50 clínicas da memória na Inglaterra e coordena o programa Pride (Promoting Independence in Dementia), estabelecido em 20 países do mundo. A Oficina da Lem-

brança, organizada pelo professor André Junqueira Xavier no campus da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) em Palhoça, agora contribui para os resultados do estudo britânico e recebe idosos com doenças enquadradas dentro da demência, como o Alzheimer e a depressão.

– Temos dois ambulatórios, chamados de Memo, que diagnosticam a perda de memória. De acordo com a situação, encaminhamos para o método de estimulação cognitiva, sempre buscando autonomia para os pacientes – explicou Xavier.

Internet auxilia no trabalho de recuperação

Aos 67 anos, Eli Schlemper Vieira não lembrava mais alguns nomes de pessoas e objetos. Esquecia as panelas no fogo. Todas as segundas, quartas e sextas-feiras, ela vai até a universidade para exercitar a memória: adora jogar no Facebook. O computador é aliado no tratamento. De acordo com o pro-

fessor André Xavier, o mito de que a internet danifica o cérebro precisa ser derrubado.

Para as oficinas em Palhoça, 50 alunos voluntários indicam jogos e atividades de repetição que estimulam o cérebro, todos pelo computador. Um dos monitores faz o papel de observador e anota as dificuldades dos pacientes – é como é medida a evolução do tratamento.

A recuperação da memória não é a única etapa para a recuperação. A fisioterapeuta Anna Quialheiro recupera a coordenação motora dos idosos no projeto também com a ajuda do computador. Segundo ela, detalhes como conseguir ligar a máquina, digitar e usar um mouse contribuem para a sensibilidade e precisão dos atos.

– Não adianta só lembrar de tomar o remédio. É importante também conseguir abrir o pote, pegar o copo de água e tomar – lembra Anna.

carolina.dantas@diario.com.br

O passo a passo da oficina

- 1 O paciente aprende a usar o computador: saber para que serve o mouse, o teclado, a CPU e o monitor. Entender o que é a internet, e-mail e os jogos.
- 2 Os alunos e professores escolhem o jogo de acordo com a fase em que está o idoso. Pode ser um jogo de memória, uma caça-palavras até um Candy Crush, do Facebook. Os pacientes ficam 45 minutos neste exercício.
- 3 Um intervalo de 20 min é realizado para exercício físico e descanso mental. Isso é importante para que aconteça a 4ª etapa.
- 4 Estudantes pedem que os idosos comentem o que lembram da atividade. É um esforço para a memória. Nas sextas-feiras, a turma faz meditação e treina concentração.

A oficina ocorre três vezes por semana – às segundas, quartas e sextas-feiras, às 13h.